



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## **SOBRE O PODER DO ATRAVESSAMENTO OU CORPOS À DERIVA ENTRE A VONTADE DAS ÁGUAS, DOS VENTOS E DAS MÃOS QUE NOS CONDUZEM**

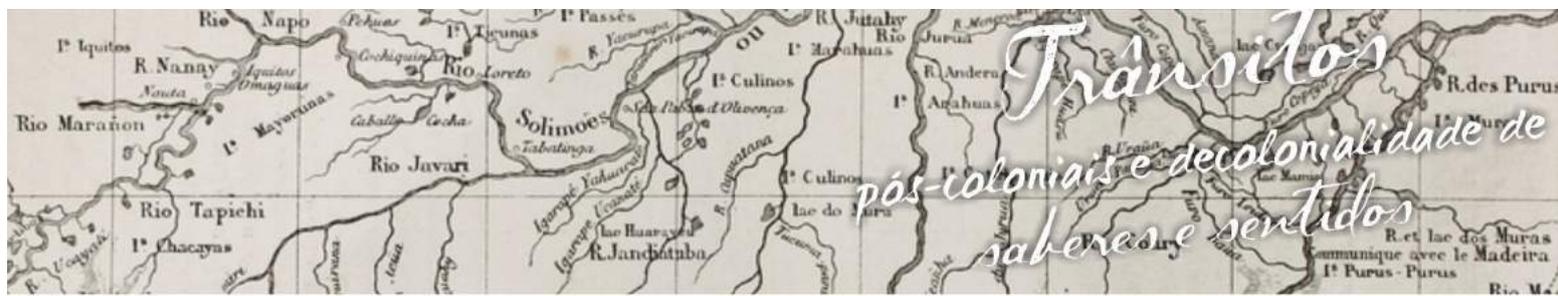
Adrielle Silva da Silva<sup>1</sup>

Tempestade de palavras. Acordei com essa imagem na cabeça, imaginando essa imensidão de pensamentos que transfiguram-se tanto em imagens quanto em palavras, como em palavras-imagens, imagens-palavras. Nesse caso o contínuo jogo entre o eu-paisagem, paisagem-eu, nós, os outros. Para minha alegria também encontrei uma frase de Rubem Alves (2005, 37) que diz assim: “Melhor é se abandonar ao manso ir das águas...”

Abandonando-me a mansidão da liquidez dos pensamentos busquei entender o contexto das escolas existentes na região insular sul de Belém (PA) que dialogavam diretamente com outro projeto que estava pensando/trabalhando naquele momento. Dentro do primeiro contexto, as escolas das ilhas sul de Belém, onde atuo como docente da disciplina Artes a alguns poucos anos, enquanto no segundo contexto, o projeto “Atlas, Paisagem e Pele: Fluxos de Viagens na Amazônia Insular” de Cláudia Leão aprovado pelo XXIV Prêmio Marc Ferrez Funarte de Fotografia, onde estava como coordenadora da ação educativa. Nesse percurso me interessava integrar dois planos de trabalho que compreendessem a relação entre o eu-paisagem-nós-os outros, sendo um para o ambiente da Unidade Pedagógica Nazaré em cada uma de suas cinco turmas e outro do percurso educativo da exposição de forma integrada. Tarefa complexa e não linear, que se aproxima mais de uma imagem rizomática, sem hierarquias, que tentou-se descolonizada.

Este artigo apresenta parte desse percurso integrado, nesse caso, a parte desenvolvida na Unidade Pedagógica Nazaré (Rio Guarapiranga, Ilha do Combu, Belém, Pará) durante o ano letivo de 2015 em suas cinco turmas de crianças com

<sup>1</sup> Mestranda em Artes pela UFPA, docente da Secretaria Municipal de Educação de Belém e coordenadora do Núcleo de Formação e Experimentação da Associação Fotoativa, adrielle.c.silvas@gmail.com.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

idades médias entre 6 e 10 anos de idade que cursavam os Ciclos I e II do fundamental que são equivalentes no modelo seriado ao período do 1º ao 5º ano do ensino fundamental básico.

### 1. Bordando Maresias

Durante a jornada pedagógica da Unidade Pedagógica Nazaré, sito no Rio Guarapiranga, na Ilha Grande, conjuntamente todo o corpo técnico-pedagógico da escola (coordenação pedagógica e docentes) assumimos como tema gerador do ano letivo de 2015 a ideia de “CORPO-MOVIMENTO”. A partir disso questões como: quais as relações existentes entre essas duas palavras e seus respectivos significados? surgiram e foram sendo aos poucos respondidas e novamente questionadas fazendo surgir assim novas perguntas. Nesse percurso decidimos tomar como prerrogativa e metodologia o compartilhar intenso de conhecimentos e referências. A artista Claudia Leão compartilhou artigos e livros que compunham seu repertório poético e educativo. E eu compartilhei ideias de como transformar esse apanhado de leituras em pontos potenciais a serem tocados no decorrer do ano letivo conforme imagem abaixo que registra a proposta de pauta de conteúdos apresentada e aprovada na Unidade Pedagógica.

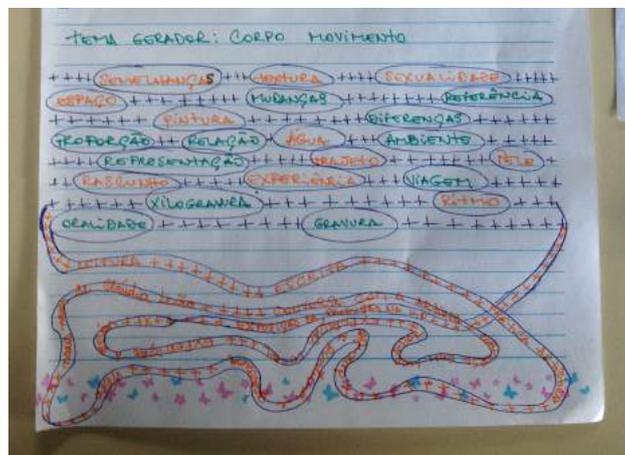


Ilustração 1: Pauta de conteúdos escolares em artes



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A partir desse momento fomos desenvolvendo um intenso trabalho de primeiro perceber-se no mundo (estudantes e professora), explorando para isso marcas, tons e cores de pele, semelhanças e diferenças entre o próprio corpo comparado ao do colega. Fizemos exercícios de observação do outro, de nós mesmos, de experimentação dos materiais que possuíamos e de reflexão e diálogo daquilo que fomos constatando.

Começamos, então, a sair da ideia do “eu” para explorar o “ao redor”. Então o que mais poderia possuir pele? Essa era nossa nova questão. Abaixo uma imagem desse processo de descobertas da infinidade de seres e coisas que poderíamos compreender como possuidoras de pele.



Ilustração 2: exercício de registro escrito e imagético das possíveis respostas a pergunta “o que mais poderia possuir pele?”

Sugiram desde frutas a bichos. De uma pele camada de proteção que estávamos iniciando a estudar a partir do conhecido, para poder seguir rumo ao desconhecido. No artigo “Pequenos atlas” de autoria da própria artista Claudia Leão



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

encontramos a referencia textual que abraçaria o conhecimento acadêmico que potencialmente também era conhecimento escolar.

Nesse ambiente não há divisão compartimentada entre sujeito-nós, matéria-objeto, ambiente-lugar, tempo-historia. Nós não nos mantemos íntegros diante daquilo que nos arroteia, somos-com, somos-entre. (LEÃO, 2014, 3226)

Nesse percurso também nos nutrimos de outras produções como a de Victor de La Rocque da série “Aqui estão minhas asas/primeira variação” em que produz máscaras que corporalmente fizemos as releituras conforme segue abaixo.



Ilustrações 3 e 4: Obra de Victor de La Rocque e releitura corporal das crianças da UP Nazaré.

Os dias seguiram-se e Manoel de Barros chega a nós para perguntar-nos: O que os rios sonham? extraído do livro *Menino do Mato*. Os rios sonhadores das crianças se multiplicaram em peixes, e barcos como se fossem pássaros, cobras grandes, brincadeiras, chuvas que acariciavam, pontes grandes, casa pequenas. Cores diversas e divertidas de se experimentar. Tinha rosa, vermelho, azul, amarelo, verde, preto e muito mais em um balde cheio de possibilidades em lápis.

Onde antes haviam sido os sonhos dos rios agora era a possibilidade de sonhar juntos. Em grupos munidos de giz de cera, papel madeira e o desafio de registrar “o que seria um sonho a se sonhar juntos?” nós sonhamos mais um pouco com peixes, com barcos, com música, com rodas gigantes cheias de luzes e risos, com as famílias, com a religiosidade, com o amor. Em rodas de conversa fomos apresentando e descobrindo juntos como era possível nossos próprios sonhos se



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

encontrarem com os sonhos dos colegas e aí pensar/refletir um pouco o ser de cada um, a constituição de nossas famílias e o futuro.



Ilustração 5: Crianças em exercício criativo sobre “o que seria um sonho a se sonhar juntos?”

Em grupos de 5 estudantes cada, também produzimos bonecos em tamanho real para lembrar do toque como elemento fundamental a vida, ao afeto. Precisamos para esse exercício nos desprender de vaidades, para experimentar o traço do outro que segue junto a nossa própria pele. Cócegas, risadas, cuidado, atenção e tensão fizeram parte desse momento atravessado pelo ato de tocar.

Encharcados de afetos experimentamos a “fita de moebius” para produzir nossas histórias de chuva, de linha do horizonte, de paisagem que se vive muito mais que se vê. Essas fitas também viraram ninho por um tempo em que guardadas foram trazidas para nos lembrar do caminho, dos carinhos e aconchegos que foram além do educativo, além da arte como experimentação estética. Nos protegendo e orientando no caminho Jean-Pierre Siméon e Oliver Taller nos contou que “Isto é um poema que cura peixes”. O ouvir e contar histórias ricamente ilustradas em livros foi



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

aos poucos alterando a “monotonia” do traço e da própria paisagem guardada por nós tanto nessa pele que atravessa e mergulha quanto na crença que nos faz ter medo, respeito e leva tempo pra entender que o lixo industrializado é diferente do lixo orgânico para saúde desses corpos-ambientes.



Ilustrações 6, 7 e 8: produção das crianças sobre os quereres de nós e dos rios.

Já quase no fim do 1º semestre letivo programamos a visita da artista Claudia Leão a Unidade Pedagógica a fim de que ela partilhasse com a devida antecedência parte de seu processo de produção. Ela mostrou vídeos, ouviu, falou, partilhou um dia de imagens que pareciam qualquer lugar conhecido dessa Amazônia aquosa de sangue barrento.

No fim do semestre organizamos uma exposição na Unidade Pedagógica Nazaré que apresentou o trabalho mais significativo realizado. Os próprios estudantes escolheram o trabalho partilhado pela artista Claudia Leão, que iniciou distribuindo fotos e dizendo “O que será que está faltando nessa imagem?”. Esse era o convite para impregnar cada fotografia de histórias e sonhos. Depois, já sem a artista, mas com aquela produção em mãos nos lançamos a querer enxergar para além daquela pequena janela de 10x15cm contida em cada fotografia. Colamos, assim, cada uma daquelas imagem em folhas de papel sulfite tamanho A4 para ver o que mais poderia ter. E como último exercício colamos cada uma daquelas paisagens interiores lado a lado ao longo de toda a Unidade Pedagógica, convidando a quem quisesse ver nossas paisagens transformadas em uma linha de muitos horizontes.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

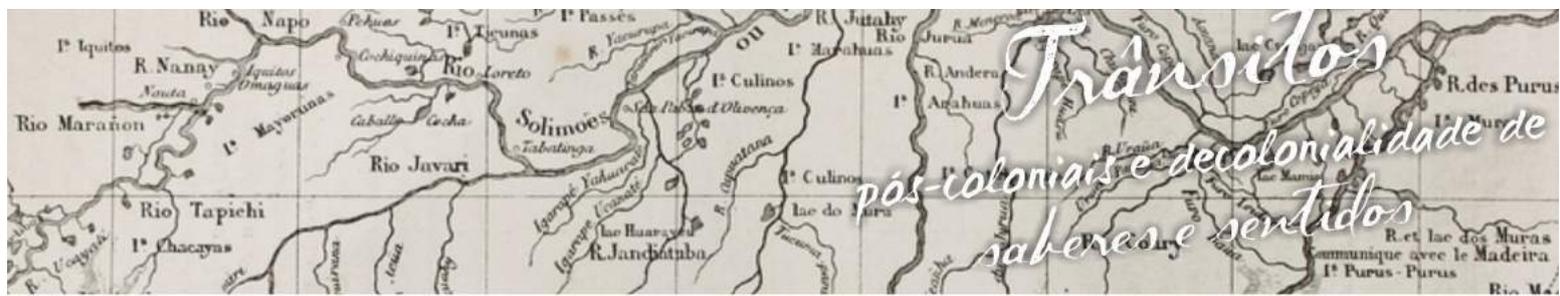
No segundo semestre letivo seguindo o curso do rio recordamos o olhar para nós, mas agora a partir da percepção do espelhamento. Tentando aos poucos projetar o quanto de nós mora nos outros? Ou como eu me olho é como realmente eu sou? Muitas questões em dias que buscávamos serem leves e divertidos.



Ilustrações 9 e 10: Exercício de auto-retrato no espelho e exercício corporal de espelhamento.

Chegamos aqui em um ponto chave ao percurso dos dias seguintes. Ainda no 1º semestre letivo um dos faxineiros da escola, o Sr. Alex, me propôs ministrar uma oficina de miriti para as crianças de modo que isso pudesse contribuir para a aprendizagem delas. Fomos conversando e chegamos a um acordo que as peças a serem produzidas durante essa oficina seriam embarcações, que carregariam em si a nossa relação com a paisagem amazônica e ribeirinha. Relação que muito mais que ver paisagens as vive intensamente quando se olha o céu e o rio para qualquer atividade. E mais ainda quando o próprio Sr. Alex assumia a responsabilidade de compartilhar com as crianças um conhecimento e uma habilidade que apenas a relação dele com aquela paisagem poderia proporcionar. Pois era importante perceber o tempo da coleta do miriti, o cuidado na armazenagem, as ferramentas necessárias, as medidas e muito mais que fazia daquela atividade sinônimo de pertencimento. Observando-os, assim, como

sujeitos situados no contexto amazônico: possuidores de agências e inseridos no processo de globalização eles exercem a sua dialética criativa, pois ao mesmo tempo em que amalgamam elementos de diversos contextos no fluxo econômico, cultural e global, negociam com relações de poder num jogo de contrapoder – se eles são vítimas, também são



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

suficientemente capazes de reverter o jogo (fulgura a imagem dos cabanos como caboclos insurretos) -, por isso engendram fraturas na ordem político-econômica absurda das coisas, pelo uso de táticas contra as estratégias de poder (DE CERTEAU, 1994). (ISABELLE e SILVEIRA, 2016)



Ilustração 11, 12, 13 e 14: Oficina de miriti nas etapas de corte, colagem e pintura

Entremeados por essa experiência finalmente chegamos a visita a exposição “Atlas, Paisagem e Pele: Fluxos de Viagem na Amazônia Insular” em que novamente fomos todos convidados a ver, tocar e ouvir um pouco do que as imagens diziam e quem eram as pessoas por traz delas, que histórias estavam contidas naqueles rios.





x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”



Ilustrações 15 e 16: exercício de representação dos trajetos entre a casa e a escola.

Então quando voltamos com um pouco de tudo que tínhamos vivenciado decidimos então bordar maresias, pois estas tinham sido nossas idas e vindas entre o eu, o outro e a paisagem. Maresias as vezes mansas como o tempo de um bordado, mas as vezes feroz como o tempo das brincadeiras. Finalizamos o ano bordando maresias que quem sabe poderiam mover suas águas até o próximo ano letivo? Enriquecendo o solo a cada lance que mistura fundo e margem para a vida se renovar.



Ilustrações 17, 18 e 19: Exercício com bordados.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O velho que acordou menino**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

BARROS, Manoel. **Menino do Mato**. São Paulo: Leya, 2010.

ISABELLE, Véronique; SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. **Sobre paisagens e imaginários amazônicos no contemporâneo Reflexões provisórias acerca de**

